

PESADELOS: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG**NIGHTMARES: CONSIDERATIONS FROM THE ANALYTICAL PSYCHOLOGY OF CARL GUSTAV JUNG****PESADELOS: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG**

10.56238/revgeov17n1-142

Francisco Demontie Luna

Mestrado em Filosofia e História da Educação

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

E-mail: luna.educamp@gmail.com

Lattes:

https://wwws.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=9045C9C02B75CFD08900FE041D095734#**Luís Carlos Nunes**

Pós-Graduação Lato Sensu em Comunicação Pública e Responsabilidade Social

Instituição: Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas (METROCOMP)

E-mail: luicarnun@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7111769623034574>**Patrícia Vasconcelos dos Santos**

Especialista em Psicologia Analítica

Instituição: IMCP

E-mail: patricvas@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4104-1371>**RESUMO**

Este estudo tem como objetivo discutir a temática dos pesadelos a partir da perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, articulando conceitos centrais como inconsciente, arquétipos, complexos, sombra e processo de individuação. Trata-se de uma revisão teórico-bibliográfica, de abordagem qualitativa, que analisou obras clássicas de Jung e comentadores, bem como produções recentes da antropologia sobre o universo onírico indígena sul-americano. Argumenta-se que os pesadelos podem ser compreendidos como manifestações simbólicas de conteúdos inconscientes reprimidos e de conflitos entre consciência e inconsciente, sinalizando a necessidade de integração psíquica. Discute-se, ainda, o medo como emoção estruturante nesses fenômenos e sua função potencialmente compensatória no desenvolvimento da personalidade. A inclusão de perspectivas indígenas sobre o sonhar amplia a compreensão simbólica dos pesadelos, permitindo um diálogo intercultural que enriquece a abordagem junguiana. Conclui-se que os pesadelos desempenham um papel relevante no processo de individuação, podendo favorecer a autoconsciência e a reorganização psíquica quando adequadamente interpretados.



Palavras-chave: Pesadelos. Psicologia Analítica. Jung. Individuação. Sonhos.

ABSTRACT

This study aims to discuss the theme of nightmares from the perspective of Carl Gustav Jung's Analytical Psychology, articulating central concepts such as the unconscious, archetypes, complexes, shadow, and the individuation process. It consists of a theoretical-bibliographic review with a qualitative approach, analyzing classic works by Jung and his commentators, as well as recent anthropological contributions on the oneiric universe of South American indigenous peoples. It is argued that nightmares can be understood as symbolic manifestations of repressed unconscious contents and of conflicts between consciousness and the unconscious, signaling the need for psychic integration. The discussion also addresses fear as a structuring emotion in these phenomena and its potentially compensatory function in personality development. The inclusion of indigenous perspectives on dreaming broadens the symbolic understanding of nightmares, enabling an intercultural dialogue that enriches the Jungian approach. It is concluded that nightmares play a relevant role in the individuation process, potentially fostering self-awareness and psychic reorganization when adequately interpreted.

Keywords: Nightmares. Analytical Psychology. Jung. Individuation. Dreams.

RESUMEN

Este estudio busca abordar el tema de las pesadillas desde la perspectiva de la Psicología Analítica de Carl Gustav Jung, articulando conceptos centrales como el inconsciente, los arquetipos, los complejos, la sombra y el proceso de individuación. Se trata de una revisión teórico-bibliográfica cualitativa que analizó obras clásicas de Jung y sus comentaristas, así como producciones antropológicas recientes sobre el mundo onírico de los pueblos indígenas sudamericanos. Se argumenta que las pesadillas pueden entenderse como manifestaciones simbólicas de contenido inconsciente reprimido y conflictos entre la conciencia y el inconsciente, lo que señala la necesidad de integración psíquica. El estudio también analiza el miedo como emoción estructurante en estos fenómenos y su función potencialmente compensatoria en el desarrollo de la personalidad. La inclusión de perspectivas indígenas sobre el sueño amplía la comprensión simbólica de las pesadillas, permitiendo un diálogo intercultural que enriquece el enfoque junguiano. Se concluye que las pesadillas desempeñan un papel relevante en el proceso de individuación y pueden promover la autoconciencia y la reorganización psíquica cuando se interpretan adecuadamente.

Palabras clave: Pesadillas. Psicología Analítica. Jung. Individuación. Sueños.



1 INTRODUÇÃO

Os sonhos, como assim caracterizados pela teoria junguiana, são mensagens transmitidas por nosso inconsciente, uma fala que pretende ser ouvida. O inconsciente é um conjunto de processos mentais desconhecidos, privados do acesso à nossa consciência para vir à tona.

Os sonhos contêm imagens e associações de pensamento que não criamos por meio da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem nossa intervenção, e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico. (JUNG, 2008, p.5)

Segundo Hall (2007), a teoria de Jung se divide em vários conceitos básicos, sendo divisões mais ou menos arbitrárias, contendo duas divisões topográficas: consciente e inconsciente. O inconsciente é dividido em inconsciente pessoal e psique objetiva. É na psique objetiva que se encontra o inconsciente coletivo.

Hall (2007) disserta sobre os níveis da psique humana descritos: consciência pessoal (livre acesso ao indivíduo) ou uma percepção consciente regular; inconsciente pessoal, exclusivo da psique individual, não consciente; psique objetiva, ou inconsciente coletivo, possuindo uma estrutura aparentemente universal na humanidade, contendo informações recebidas por todos nossos ancestrais da raça humana e consciência coletiva, sendo o mundo cultural dos valores e formas compartilhadas.

No início da vida, outra estrutura se forma, é a formação do ego que, quando pequenos todos os impulsos negativamente reprimidos dão forma à Sombra, assim chamada por Jung. Sendo o ego o centro da psique consciente, o *Self* se forma como o centro da psique como um todo. Ele é de extrema importância para a orientação da psique humana.

É dentro das divisões do inconsciente que existem duas estruturas fundamentais: imagens arquetípicas e complexos.

Os complexos, segundo Hall (2007), são o conteúdo básico do inconsciente pessoal, composto de imagens afins agrupadas que se conservam juntas por meio de um tom emocional comum. Já as imagens arquetípicas compõem imagens fundamentais, com sua formação por meio de arquétipos sobre determinadas experiências que vão se acumulando na psique individual.

Jung (2011) introduz em seus conceitos os arquétipos na psique humana. Esses são indícios recorrentes de mitos ou histórias da literatura universal que vêm se repetindo na essência do ser. É em nossos sonhos e em fantasias que encontramos esses temas em grande destaque e relevância; imagens assim são representação de arquétipos no ser humano.

...*arquétipos* ou *dominantes* — os dominadores, os deuses, isto é, configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma (JUNG, 2011, p.85).



É então em sonhos que muitas imagens arquetípicas nos trazem o real mundo inconsciente dentro de cada ser. Os pesadelos, por sua vez, são aqueles inúmeros sonhos que provêm de aventuras aterrorizantes e, em alguns casos, causam pânico de voltar a dormir. Como um todo, todos os pesadelos retratam um significado e sua interpretação varia de sonhador para sonhador, levando em conta sua história, seu contexto e vivências. Belanger e Dalley (2007) retratam em seus inscritos que sonhos e pesadelos para Jung são fatos objetivos sobre nossa percepção de nós mesmos e do mundo à nossa volta.

O objetivo do presente trabalho foi descrever os pesadelos na teoria junguiana do sonho. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de Jung sobre sonhos comuns e arquétipos, descrevendo os símbolos presentes na teoria de Jung referente a pesadelos.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo documental, de abordagem qualitativa, em que foram utilizados como fontes livros, artigos científicos, periódicos e base de dados que abordam o tema desenvolvido neste estudo.

Tendo como tema os pesadelos e como delimitação o significado deles na teoria junguiana, este projeto nasce como uma curiosidade particular em relação aos sonhos e seus significados.

Do ponto de vista psicológico, os sonhos são classificados pela teoria junguiana como um portal para o inconsciente, ou seja, é onde se pode ter um contato mais direto consigo mesmo. O mundo dos sonhos é inteiramente pessoal e se dá na fase REM do sono. No entanto, os pesadelos de um ser humano são aqueles que muitas vezes nos trazem uma experiência inconsciente sombria e por vezes mal interpretada.

No caso da análise de pesadelos, pode-se recorrer a sonhos já descritos na literatura psicológica, sonhos presentes em textos históricos, religiosos ou da literatura de ficção. Nesta perspectiva, em que conhecer seu inconsciente é uma porta para conhecer a si mesmo, o artigo científico se justifica em uma revisão da teoria junguiana no que diz respeito à interpretação de pesadelos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A TOTALIDADE DO SER HUMANO SEGUNDO JUNG

Jung enxerga o ser humano em parte constituído de emoções e sentimentos, nos quais os diferencia dizendo que o sentimento pode ser voluntário, enquanto a emoção não. Jung afirma que “o sentimento é o conteúdo, ou matéria da função do sentimento, determinado pela discriminação atuada do próprio sentir” (Jung, 1991). A emoção pode ser dada como inconsciente, enquanto o sentimento requer reflexão e consciência.

Freud (1996), em uma conferência de 1932, expressou, diante de seu ponto de vista, que o



medo seria uma emoção de defesa diante de uma situação de perigo, este que pode ser real ou presente nas lembranças que o indivíduo possui. O causador desta emoção, quando aparece de forma indeterminada, utiliza-se o conceito de angústia. Segundo a psicanálise, a angústia, de acordo com o que ela gera um estado de sentimentos, torna-se a reprodução do evento das lembranças que representam uma ameaça ou perigo.

Inicialmente Jung considerava o medo como uma neurose, “uma defesa contra a atividade interior objetiva da alma ou uma tentativa de esquivar-se à voz interior” (Jung, 1932). E o medo em sua visão possui outras funções, como a restauração do equilíbrio psíquico necessário no processo de individuação.

Assim percebe-se que o medo surge do conflito entre o consciente e o inconsciente durante o processo de desenvolvimento psíquico. Durante o contato com o conflito, será possível perceber os conteúdos que estão dificultando o indivíduo de sair da sua prisão psíquica para seu processo de individuação.

Jung levanta uma visão criativa da neurose, assim como o lado positivo dela, que poderia indicar um lado da personalidade que ainda não foi desenvolvido. Segundo ele, pode ser uma pulsão voltada para o autoconhecimento e autorrealização.

O doente não tem de aprender como se livrar de uma neurose, mas, sim, como suportá-la. Pois a doença não é uma carga supérflua e sem sentido, mas é sim, o próprio doente; ele mesmo é o “outro” que por comodismo infantil, por medo ou por outra razão qualquer, sempre procurou excluir. Deste modo, como afirma acertadamente FREUD, fazemos do eu um “lugar de ansiedade”, o que nunca aconteceria se não nos defendêssemos neuroticamente contra nós mesmos” (JUNG, 1993, p 360).

Com o tempo, Jung começou a se referir ao medo como apenas uma emoção e não mais neurose. Para a compreensão dos pesadelos trazidos neste trabalho, é necessário ressaltar conceitos aprofundados da psicologia analítica com o intuito de permitir o conhecimento dos pesadelos de forma mais clara na visão junguiana.

3.2 MODELOS DA PSIQUE JUNGUIANA

O modelo apresentado por Jung aborda duas categorias: consciente e inconsciente. A psique como um todo, a personalidade, possui conteúdos conscientes e inconscientes.

O que se encontra no centro do consciente é o ego, este que traz o senso de identidade e a consciência de existir. O ego tem como uma das funções principais a adaptação à vida e organizar as impressões do indivíduo com o mundo interno e externo.

O aspecto externo pode ser representado por meio da persona (máscara), que é um complexo da personalidade que está presente no indivíduo em seu processo de adaptação social.

O nascer do ego é a partir do *Self*(si mesmo), assim Jung percebe o consciente e o inconsciente



como parte da psique.

“... o ego ao nascer está imerso na totalidade do Self, sem haver discriminação entre o eu e o não eu. O estado pré-egóico é o estado paradisíaco, unitário, não dividido. O surgimento da consciência vem da ruptura dessa totalidade indiscriminada. Lentamente, certos conteúdos do inconsciente vão se separando e formando a consciência” (RAMOS, 2006, p.14).

O desenvolvimento psicológico, se encaixa na visão junguiana a partir da diferenciação do ego e *Self*, consciente e inconsciente, em que primeiramente estão em um todo, depois opostos e finalmente unidos novamente.

Jung (1991, p.426) “utilizo o termo ‘individuação’ para indicar o processo por meio do qual uma pessoa se torna um indivíduo psicológico, uma *unidad*, *um* todo separado e indivisível”.

A individuação tem como objetivo a autoconsciência, que é unir os polos opostos consciente/inconsciente, ego/sombra, ego/*anima* ou *animus*, ego/*Self*. A consciência dos aspectos da sombra faz parte do processo de individuação e traz aspectos sombrios da personalidade que representam a parte obscura do eu ou ego. Quando o indivíduo toma consciência dos seus polos e da sua totalidade, estes podem ser trazidos para uma melhor compreensão do *Self*, e a união destes polos gera um estado de equilíbrio consciente e inconsciente, tornando um sujeito perceptivo de sua consciência sonhadora quanto aos aspectos oníricos e de seus pesadelos, que estão intimamente ligados à sua instância psíquica da sombra.

Para Jung, o inconsciente é um conceito com constituição psicológica, que contém os conteúdos psíquicos que não estão presentes na consciência, ou seja, não se fazem relacionais com o ego de forma perceptiva. Assim, Jung subdivide em inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo pode ser relacionado com a ampliação da consciência e em gerar símbolos. Segundo Faria (2003, p. 32) “O inconsciente junguiano não é apenas o lugar do reprimido, mas também uma fonte de possibilidades criativas”.

Segundo Jung (1991,p. 417) o inconsciente coletivo é constituído pelos arquétipos, “as conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer momento e lugar, sem tradição ou migração histórica”. Os arquétipos trabalham no desenvolvimento da consciência, estão ligados aos instintos (biologia) e, de outro lado, estão ligados às imagens (criatividade). As imagens arquetípicas, quando consteladas no inconsciente pessoal, tornam-se núcleo das experiências do ego, compondo os complexos do inconsciente pessoal. Estes complexos quando estão fortemente energizados, podem influenciar grandemente o comportamento de um sujeito.

Um arquétipo que trabalha como parte central da psique e no desenvolvimento de outros arquétipos é o si-mesmo (*Self*). O *Self* é o centro da personalidade e está manifesto à consciência por meio dos símbolos e suas imagens arquetípicas constituintes.



3.3 MEDO E PESADELOS: UMA VISÃO JUNGIANA

De acordo com Jung, o medo seria um conflito entre consciente e inconsciente, conflito este que aparece durante as fases do desenvolvimento da personalidade, e o medo do inconsciente está presente em distúrbios do desenvolvimento.

Jung (1994), em seus estudos psiquiátricos, fez uma primeira observação quanto ao medo, de que os doentes tentavam excluir as emoções que possuía no dia a dia, devido a isso, pela noite essas mesmas emoções os atormentavam com sonhos ruins e, durante o dia mostravam-se presentes ataques repentinos de ansiedade, inibindo as suas forças de ação.

Mostra-se nesta citação a preocupação da interação entre consciente e inconsciente, e como negar esta interação pode gerar emoções de terror, como o medo e pesadelos.

Jung (1928) dissertou que não devemos supervalorizar a fantasia, mas que há uma estranha tendência à supervalorização; e toda a aversão contra a fantasia, assim como a desvalorização crítica dela evidencia o medo que se tem dos conteúdos inconscientes.

No livro de Jung (2000), *A natureza da Psique*, é discutido por quais formas é possível confrontar o indivíduo com o inconsciente, falando novamente sobre a sua teoria dos complexos que geram a compreensão do medo ao entendermos o complexo com sua força autônoma.

A tendência de anular a realidade dos complexos, assimilando-os, prova não sua *futilidade*, mas a sua importância. É a confissão negativa do temor instintivo do homem primitivo diante de coisas obscuras, invisíveis e que se movem por si mesmas. Este **temor** manifesta-se, de fato, **no primitivo** (grifos do autor), com o chegar da escuridão da noite, do mesmo modo que entre nós é durante a noite que os complexos ensurdecidos, como bem o sabemos pelo bulício da vida, levantam sua voz com mais força, afugentando o sono ou pelo menos perturbando-o com sonhos maus (JUNG:2000,209).

Os complexos, com efeito, constituem as verdadeiras *unidades vivas da psique inconsciente*, cuja existência e constituição só podemos deduzir por meio deles (JUNG, 2000, p,210).

Ou seja, os complexos vão surgir com ligação direta aos eventos que passamos em sonhos e ao poder que eles têm sobre as vivências diárias.

Jung (1986) descreve que o medo do mundo interno, grande parte das vezes, pode ser mais assustador que o medo do mundo externo, ainda mais quando se é negado, por ser um encontro com o seu inconsciente.

Mas a realidade externa não é a única fonte de medo que cerceia os instintos; o homem primitivo muitas vezes teme ainda mais uma realidade “interna”, o mundo dos sonhos, das almas do outro mundo, dos demônios e deuses, e também dos feiticeiros e bruxas, embora nosso racionalismo pense poder eliminar esta última fonte de medo apontando sua irrealidade. Trata-se, no entanto, de realidades psíquicas internas, cuja natureza irracional não é influenciável por raciocínios lógicos. (JUNG, 1986, p,221).

Para o autor, a realidade interna é a fonte de medo genuína e se torna cada vez mais perigosa quanto mais ela for negada; assim, a emoção, nesta situação, é mais influente e mais poderosa que o



pensamento.

A função geradora de símbolos de nossos sonhos é uma tentativa de trazer nossa mente original de volta à consciência, onde ela nunca esteve antes e nunca se submeteu a uma autorreflexão crítica. Nós fomos esta mente, mas nunca a conhecemos. Nós nos livramos dela, antes mesmo de a compreendermos. Ela brotou de seu berço e raspou suas características primitivas como se fossem cascas incômodas e inúteis. Parece até que o inconsciente representou o depósito destes restos. Os sonhos e seus símbolos referem-se constantemente a eles como se pretendessem trazer de volta todas as coisas velhas e primitivas das quais a mente se livrou durante o curso de sua evolução: ilusões, fantasias infantis, formas arcaicas de pensar e instintos primitivos. Este é na verdade o caso, e ele explica a resistência, até mesmo o horror e medo que alguém é tomado quando se aproxima de conteúdos inconscientes. (...) Esses conteúdos são carregados de tal emoção que são mais do que simplesmente incômodos. Produzem até mesmo pânico e, quanto mais reprimidos forem, mais perpassam toda a personalidade na forma de uma neurose. (JUNG, 1998,p,591).

Os conteúdos inconscientes reprimidos podem se manifestar por meio de pesadelos, que podem levar o indivíduo a uma autorreflexão e uma reconexão consigo mesmo.

Jung (2000; 2008) ressalta que o homem civilizado é cobrado a reprimir a sua natureza instintiva para poder criar cultura, assim, formam-se os símbolos presentes, novamente aparecendo o conflito entre consciente e inconsciente. E o indivíduo, para poder se individuar, é necessário que ocorra a integração destas instâncias psíquicas.

O ser humano surgirá com temor às forças obscuras do inconsciente, pois elas revelam a capacidade de trazê-las à consciência. Assim, percebe-se o motivo do ser humano buscar sempre desenvolver a consciência. Os estados em que o indivíduo se sente frente ao inconsciente causam temor, que são baseados nas vivências, nos complexos e nos arquétipos.

O medo sempre aparece relacionado a aspectos inconscientes e ligados à sombra, à energia psíquica, ao medo dos instintos e ao mundo interno. Estes conteúdos inconscientes não permanecem adormecidos, libertando-se assim por intermédio de símbolos em sonhos muitas vezes assustadores, dando forma ao que chamamos de pesadelos.

É necessário que, para o ser humano se desenvolva, ele possa deixar o conforto e segurança de tudo que já foi vivenciado para se arriscar no desconhecido. Isto será renunciar à sua fase para poder ir em direção a outra. Assim, o caminho de vida do indivíduo é se tornar consciente, mas incorporando aspectos inconscientes.

3.4 PREMONIÇÃO SOB O OLHAR INDÍGENA

Neste capítulo, será abordada a premonição por meio de uma perspectiva indígena. Para isso, buscou-se em artigos científicos antropológicos um pouco da contribuição de povos indígenas sul-americanos para enriquecer ainda mais o debate sobre o tema deste artigo.

Trazer um referencial indígena não é apenas acrescentar mais exemplos sobre a tese "a" ou "b", mas mergulhar em um mundo onde referenciais sejam deslocados para longe de um eixo eurocêntrico



e preconceitos sejam também derrubados, implantando uma lente corretora decolonizadora sobre os míopes olhares sobre o outro.

A significação de sonhos para os indígenas é bem diferente daquela para a sociedade não indígena e, neste capítulo, um pouco desses outros significados e significações serão trazidos para o enriquecimento do tema aqui proposto. É por isso que os Ye'kwana, etnia que habita o extremo norte do Brasil e avança sobre o território venezuelano, dizem:

No tempo originário, sonhar era uma forma de pensar e de provocar intencionalmente transformações no mundo, originando pessoas, paisagens, plantas, instrumentos, alimentos, objetos. Sonhar também era um modo de conhecer outros mundos e se comunicar com os habitantes dessas paragens. (GONGORA, 2022, p. 07)

Essa amplitude do sonhar, vai desse microcosmo do sujeito para o macrocosmo do outro, do mundo e, como uma bola esticada, retorna novamente ao sujeito, penetrando suas entradas, revelando o que o habita e quem ele é. Assim, reduzir esse fenômeno a termos cartesianos, fisiológicos, neurológicos é fechar-se a todas as possibilidades da riqueza onírica, condicionando-a a um rápido mover de olhos. Nesse aspecto, o olhar indígena faz-se mais distante que o psicanalítico, de conteúdos restritos às experiências da vida do sonhador acordado, mas indo para uma vida própria, um mundo não subordinado ao "despertado", mas de "uma experiência de vida imprescindível" (OROBITG, 2022) ao sonhador. Orobigt afirma também que o sonhar seria algo a ser desenvolvido, aprimorado no sujeito, conforme o seu desenvolvimento de vida, e que iria possibilitando reflexos no papel social a ser desempenhado pelo sujeito. Portanto, não apenas o sujeito vai adquirindo um aprendizado para um "sonhar bem", descobrindo e estabelecendo relações com novas terras e seres oníricos, mas também vai desenvolvendo técnicas para poder compartilhar essas experiências com os demais membros da sua sociedade (OROBITG, 2022).

Consoante a Orobigt, Vieira revela essa riqueza dos sonhos na cultura indígena, no seu viver em sociedade, e na construção da sua identidade, como uma carga genética imaterial que carrega a essência dos antepassados e que lança, como uma flecha, essa ancestralidade para as futuras gerações:

A memória indígena não se encontra escrita pela grafia, mas encontra-se armazenada no subconsciente coletivo do grupo social, atualizada pelos mitos, conservada na prática cotidiana das celebrações e dos rituais e transmitida por meio da oralidade consciente e na produção do imaginário inconsciente e onírico. (VIEIRA, 2012, p. 08)

Para a etnia Xavante, no idioma do povo, A'Uwe, gente, ou ainda A'uwe Uptabi, gente verdadeira, da região do Vale do Araguaia, no estado do Mato Grosso, por meio dos sonhos, conhecimentos são trazidos, não apenas para fins ritualísticos, tais como cantos e outros componentes de ceremoniais, mas do próprio cotidiano, como a indicação de uma planta e seu preparo para a cura de determinada doença. Além dos Xavante, os Xerente estabelecem uma conexão com seus mortos,



através dos sonhos, por exemplo, em uma atividade ontológica, tecendo uma teia entre ser e existência e temporal, ligando passado com o presente (SILVA, 2014). Apesar da grande importância da relação com o onírico, há necessidade de um preparo para que o sonhador acesse determinados conteúdos e, para os Xavante, isso inclui uma alimentação especial, como se alimentar de determinadas carnes e não de outras (VÁRIOS COLABORADORES, 2007). Esse tipo de preparação, daquele que sonha os grandes sonhos, ou "sonhos significativos" (JUNG, 1984), ou seja, que impactam a vida não apenas do sonhador, mas de outras pessoas e de toda a comunidade (LIMULJA, 2022), pode trazer, por exemplo, uma premonição, como a ocorrida no final da década de 1980, do Xavante Sibupá, que sonha com o desaparecimento que ocorreria dos animais dos seus territórios e que enseja uma tomada de decisões de parcerias dos indígenas com não indígenas para preservação do cerrado (VÁRIOS COLABORADORES, 2007). Orobítg refere-se a essa distinção dos sonhos como "metaforicamente interpretados e literalmente interpretados", sendo os primeiros de ação individual e os segundos, coletiva (OROBITG, 2022).

Os Tupinambá, antes das guerras, também davam grande valor a sinais trazidos nos sonhos para determinar se deveriam ou não partir para a ação bélica (SHIRATORI, 2022). Já os Goajiro, ou Guajiro, da Venezuela, quando tinham sonhos que anunciamavam coisas ruins, modificavam seus planejamentos - tal como os Tupinambá descritos - e também realizavam rituais apropriados para evitar o que sonharam (SHIRATORI, 2022). É por essa importância dada aos sonhos pelos indígenas que os Ye'kwana, habitantes da região norte do Brasil e Venezuela, quando despertam pela manhã, ao encontrar um familiar, perguntam como foi o sonho deles, para saber se foi um sonho bom ou ruim, sendo que este segundo exigirá cautelas a serem tomadas nos dias seguintes, tais como, banhos, cantos, pinturas corporais, amuletos, entre outras medidas (GONGORA, 2022).

Percebe-se que as atividades oníricas para os povos indígenas não só estabelecem uma relação entre os vivos e os habitantes do outro mundo - ou do "mais além" (OROBITG, 2022) - mas também entre os próprios vivos com o mundo em que vivem, promovendo uma relação que rompe a ideia da mercantilização da natureza - e até a sua coisificação - mas que estabelece a posição de cocriador do ser humano, *Imago Dei*, em relação às demais criaturas e não de senhorio, tratando-as com respeito e igualdade. Por isso, os Yanomami falam que os moradores das grandes cidades, focados na sustentação de uma vida materialista e consumista, não conseguem alcançar as condições necessárias para o cultivo dos sonhos, menosprezando os conteúdos oníricos. Para esse povo, sonhar exige do indivíduo generosidade e coragem para o compartilhamento com o outro (LIMULJA, 2022). Eles delimitam ainda claramente a noite como o período para o sonhar, uma vez que é nesse período do dia que habitam imagens, mortos e espíritos auxiliares dos xamãs. O dia, para eles, é dos vivos, da matéria, do corpo físico do sujeito. Mas à noite, impera *pei utupé*, ou a imagem vital do Yanomami, exploradora do mundo extrafísico (LIMULJA, 2022).



Os espíritos ou encantados, conforme algumas etnias do Nordeste brasileiro, são entidades no outro mundo que podem colaborar com a proteção ou orientação dos indivíduos quando em sonho. No caso dos encantados, em específico, sendo espíritos indígenas que foram para o "mais além" sem o fenômeno da morte, tornam-se os protetores de um grupo específico (VÁRIOS COLABORADORES, 2007). Conforme Shiratori, os espíritos podem estabelecer uma espécie de acordo ou pacto com o sonhador para que possa ter um maior discernimento nos acontecimentos da sua vida desperto, orientando-se pelo que foi visto no mundo onírico para evitar situações prejudiciais a si (SHIRATORI, 2022).

Para os Pumé, ou Yaruro, etnia venezuelana, a depender do nível de consciência de quem sonha, pode-se acessar de forma mais ampla locais e seres não vivos, podendo ou não interagir com eles e construir assim, a própria identidade do sujeito sonhador e dos seres daquele mundo que com ele interagem (OROBITG, 2022).

Conforme algumas etnias mesoamericanas e andinas, o sonhador não é o senhor dos seus sonhos, mas os recebe de outros seres, como deuses ou outros seres superiores. Os indígenas das terras baixas sul-americanas, América Platina, Guianas e região da Amazônia, expandem esse conceito e atribuem uma igualdade entre todos os seres para fazer sonhar o outro (OROBITG, 2022), como uma rede ligando todos os pontos, tal como ocorre com os Pumé. Por isso, Orobítg menciona que "a base da existência de todos os seres deve ser sonhada pelos outros" (OROBITG, 2022, p. 21).

Para a etnia Juruna, os sonhos não pertencem ao irreal, mas, tampouco, ao mundo desperto, habitando um além do real, onde podem concentrar inúmeras possibilidades (SHIRATORI, 2022). Shiratori não quer com isso dizer que os sonhos se relacionem a presságios ou outras expressões que remetam a um destino já estabelecido, dirigido por "mecanismos causais ex machina irrevogáveis", mas, enquanto imagens oníricas, tornam-se "não fixas", possíveis de, mas nunca determinadas. A construção do futuro, na vida do sujeito, é determinada por suas decisões em relação ao sonho, tomando o cenário "x" ou "y" de acordo com a sua vontade, sem um presságio inevitável, ou seja, sem um futuro apenas, mas vários possíveis, prontos para serem construídos pelo sonhador. O autor aprofunda essa ideia e conclui que não haveria tão pouco uma determinação quanto à linearidade temporal impulsionada por uma reação em cadeia de fatos, uma vez que desvios podem ocorrer, como o sonho coloca.

Outra experiência indígena muito interessante é do povo Ye'kwana que, no passado, teria havido uma continuidade entre aquilo vivido pelo indivíduo em seu sonho e na sua realidade e que só foi alterado com a intervenção de Odo'sha, um ser maléfico, provocando a descontinuidade entre os dois mundos (GONGORA, 2022). A partir dessa mudança, os próprios significados dos sonhos passam a indicar outros valores, de positivos para negativos. Por meio dessa mitologia de compreensão do mundo atual, o indivíduo constrói a interpretação da sua experiência onírica, podendo significar e



ressignificar seus conteúdos e adaptá-los à sua rotina na comunidade.

Assim, a premonição para os indígenas assume uma característica única, seja por conta de como a espiritualidade dialoga com o seu cotidiano, seja por meio do seu habitat, na proximidade com a floresta e com as forças da natureza que ali habitam, como que quase materializando os conteúdos inconscientes em seu próprio quintal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre os pesadelos e a totalidade do ser humano, na abordagem da Psicologia Analítica, foi o que deu direção para este estudo. Este estudo também gerou possibilidades de reflexões sobre o medo na perspectiva junguiana.

A emoção que pode ser chamada de medo envolve aspectos complexos, pois o ser humano não sente medo apenas em situações concretas, mas também sofre com o medo em situações subjetivas. Situações estas que podem ser o medo da vida, o medo da morte e o medo do obscuro do inconsciente.

O medo frente o inconsciente pode aparecer em sonhos, pesadelos e em comportamentos relacionados aos complexos do indivíduo. Se muito intensificado, pode causar sofrimento, o que dificulta os processos evolutivos e relacionais de um sujeito.

O medo de si mesmo está relacionado com a sombra, esta que contém todos os conteúdos reprimidos. As emoções do sujeito podem ser de terror, mas, se canalizadas de uma maneira correta, podem demonstrar mudanças e transformações.

Quanto aos pesadelos, Jung retrata pouco sobre o tema, pois mantém grande parte do foco em sonhos e nas estruturas psíquicas do ser humano, estes que quando compreendidos por completo, geram uma compreensão totalitária do sujeito que possibilita uma percepção da presença dos pesadelos no ser humano. Os significados dos pesadelos estão relacionados diretamente com a interpretação do sujeito e sua interação com seus aspectos conscientes e inconscientes que englobam os arquétipos, complexos e a sombra.

O medo e os pesadelos podem ser percebidos como algo universal, que todos em massa sentem e possuem e possibilitam aos sujeitos por meio dos inconscientes pessoal e coletivos, demonstrarem a necessidade da consciência das forças internas que precisam ser integradas à totalidade.



REFERÊNCIAS

- Belanger, J., & Dalley, K. (2007). A encyclopédia dos pesadelos. Prestígio.
- Correia, B. R. A. F., & Costa, M. F. B. (2022). O universo onírico indígena e a Psicologia Junguiana: Considerações sobre o tempo do sonho. *Revista Hum@nae*, 16(2).
<https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/933/403>
- Faria, D. L. de. (2003). O pai possível: Conflitos da paternidade contemporânea. Educ.
- Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 22). Imago.
- Gongora, M. F. (2022). A troca do fio e os descaminhos do duplo: Sonho e vigília entre os Ye'kwana do rio Auaris. *Revista de Antropologia*, 65(3).
<https://www.scielo.br/j/ra/a/BsvGsDMBv3RpFBZ8fg83dJM/>
- Hall, J. A. (2001). Jung e a interpretação dos sonhos. Cultrix.
- Jaffe, A., & Jung, C. G. (1986). Memórias, sonhos, reflexões. Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (1986). Símbolos da transformação (Obras completas, Vol. 5). Vozes.
- Jung, C. G. (1991). Tipos psicológicos (Obras completas, Vol. 6). Vozes.
- Jung, C. G. (1993). Psicologia em transição (Obras completas, Vol. 10). Vozes.
- Jung, C. G. (1994). Estudos psiquiátricos (Obras completas, Vol. 1). Vozes.
- Jung, C. G. (2000). A natureza da psique (Obras completas, Vol. 8/2). Vozes.
- Jung, C. G. (2008). O eu e o inconsciente (Obras completas, Vol. 7/2). Vozes.
- Jung, C. G. (2011a). O método sintético e construtivo. In Psicologia do inconsciente (Obras completas, Vol. 7). Vozes.
- Jung, C. G. (2011b). Aspectos gerais da psicologia do sonho. In A natureza da psique (Obras completas, Vol. 8). Vozes.
- Jung, C. G. (2011c). Da essência dos sonhos. In A natureza da psique (Obras completas, Vol. 8). Vozes.
- Jung, C. G. (2011d). Símbolos e interpretação dos sonhos. In A vida simbólica (Vol. 1, Obras completas, Vol. 18). Vozes.
- Jung, C. G. (2011e). Aplicação prática da análise dos sonhos. In Ab-reação, análise de sonhos, transferência (Obras completas, Vol. 17). Vozes.
- Kelly, J. A., & Matos, M. de A. (2010). Política da consideração: Ação e influência nas terras baixas da América do Sul. *Maná: Estudos de Antropologia Social*, 25(2), 391–420.
<https://www.scielo.br/j/mana/a/7GCsGBnPXLvHMqdtDq9n6fr/>



Limulja, H. (2022a). O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos yanomami. Ubu Editora.

Limulja, H. (2022b). Notas sobre os sonhos yanomami. Revista de Antropologia, 65(3), e18609.
<https://revistas.usp.br/ra/article/view/197980/188530>

Orobitg, G. (2022). Para além do sonho e da vigília: O sonho ameríndio e a existência. Revista de Antropologia, 65(3).

<https://www.scielo.br/j/ra/a/qhG5XLmJNpM8BnbPMrR48Rb/>

Ramos, D. G. (2006). A psique do corpo. Summus.

Shiratori, K. (2022). Tempo e evento na onirocrítica ameríndia: Um balanço bibliográfico. Revista de Antropologia, 65(3), e195928.
<https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.195928>

Shiratori, K., Gongora, M. F., Sztutman, R., & Ribeiro Júnior, R. R. (2022). Novas perspectivas sobre os sonhos ameríndios: Uma apresentação. Revista de Antropologia, 65(3), e202767.
<https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.202767>

Silva, A. L. da. (2014). Práticas sociais e ontologia na nominação e no mito dos Akwê-Xavante. In C. E. A. Coimbra Jr. & J. R. Welch (Orgs.), *Antropologia e história Xavante em perspectiva*. Museu do Índio-FUNAI.

Vieira, J. L. G. (2012). O sonho do etnônimo Katokinne, o rei dos peixes: Perspectivas analíticas em Jung e Lévi-Strauss.
<https://cesmac.emnuvens.com.br/incipitum/article/view/202/171>

Vários colaboradores. (2007). Prêmio culturas indígenas. SESC.

<https://etnohistoriabrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/10/prc3aamio-culturas-indigenas-e28093-edic3a7c3a3o-c382ngelo-cretc3a3.pdf>

